



TRIAGEM PSICOLÓGICA: QUANDO O ADULTO TRAZ O FILHO COMO PACIENTE IDENTIFICADO

Ana Laura de Cerqueira Moreno¹; Thelma Margarida de Moraes dos Santos².

¹Graduanda do curso de Psicologia; Centro de Ciências Humanas, Universidade do Sagrado Coração, Bauru, analauremoreno@hotmail.com

²Docente do curso de Psicologia, Centro de Ciências Humanas, Universidade do Sagrado Coração, Bauru, tmmsantos@usc.br

A avaliação psicológica é um processo de investigação que busca coletar informações referentes à vida do sujeito como um todo para, se necessário, efetuar os devidos encaminhamentos. Muitas vezes, principalmente no processo de investigação infantil, percebe-se que os adultos buscam o serviço psicológico para a criança, na intenção, consciente ou não, de resolverem seus próprios problemas. Este estudo tem como objetivo abordar um caso no qual a problemática está direccionalmente ligada à mãe e não ao filho que está no processo de avaliação, retratando o mesmo como “paciente identificado”. Trata-se de um caso atendido em uma Clínica Escola do interior de São Paulo, de uma criança de 12 anos, sexo masculino, trazendo como queixa principal rendimento escolar insatisfatório. Metodologicamente, os atendimentos eram feitos uma vez por semana, em sessões que duravam 50 minutos onde foram utilizados recursos específicos para avaliação psicológica, tais como entrevistas semiestruturadas com o paciente, com sua mãe, bem como questionários, inventários entre outras técnicas psicológicas. Como resultados foi possível perceber que o desenvolvimento do paciente encontrava-se adequado à normalidade e que seu baixo rendimento escolar não era significativo e sim pontual, considerando ainda que já havia sido resolvido. Porém, a sua mãe, quando investigada sobre o paciente, não deixava de passar as informações, pontuando que já estava com a problemática do filho praticamente sanada, mas sentia a necessidade de falar sobre seus próprios problemas pessoais, suas fraquezas e dificuldades, pontuando, por várias vezes que ela era quem necessitava de acompanhamento. Ficou evidente o uso do filho como intermédio para a procura do processo psicoterápico da mãe, visto que ele não apresentava as queixas trazidas por ela, embora o mesmo precisasse se organizar melhor em sua rotina. Ao fim do processo avaliativo foi realizado o encaminhamento de ambos para as modalidades psicoterapêuticas de acordo com as necessidades específicas de cada caso. Assim, a mãe foi destinada para acompanhamento de orientação Psicanalítica, pois as problemáticas evidenciadas pela mesma tinham caráter mais profundo e traumático e o filho, para a Abordagem Cognitivo-Comportamental, com a intenção de auxiliar o mesmo na organização de sua rotina de estudos. Conclui-se que, muitas vezes, o adulto, por preconceito, por medo, ou mesmo por acreditar não precisar do acompanhamento, busca, de forma indireta, ajuda psicológica, como foi o caso da paciente. Cabe ao avaliador identificar as necessidades, tanto do paciente como demais envolvidos, percebendo o perfil do “paciente identificado”, verificar quem realmente necessita de ajuda e encoraja-lo a buscar auxílio psicológico.

Palavras-chave: Avaliação Psicológica. Investigação. Paciente identificado.